

DRUMMOND E SEU BAÚ DE SURPRESAS

Raquel Beatriz Junqueira Guimarães
Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PUC– Minas

Resumo: Carlos Drummond de Andrade e Pedro Nava, em entrevistas a jornais, revistas, confessaram sua amizade, cumplicidade e afinidades literárias. Conhecendo, na obra e na vida desses dois escritores, o tipo de relação artística e afetiva que há entre eles, procura-se, neste artigo, discutir os poemas de Drummond que se dedicam a apresentar e analisar a figura múltipla de Pedro Nava em sua condição de memorialista e amigo. Pretende-se analisar o tratamento dado por Drummond à obra de Nava e o modo de expressão confessional presente nos poemas que se pautam por uma evidente demonstração de afeto. Isso será feito por meio da apresentação de poemas escritos por Drummond, para e sobre o amigo. Procura-se demonstrar, na análise proposta, a atitude crítica de Drummond frente à obra de Nava e o labor poético verificado nos poemas, tanto nos de natureza crítica e analítica, quanto nos de natureza confessional.

Palavras-chave: Carlos Drummond de Andrade. Pedro Nava. Memória. Confissão.

DRUMMOND AND HIS SURPRISE CHEST

Abstract: Carlos Drummond de Andrade and Pedro Nava confessed their friendship, complicity and literary affinities throughout newspaper and magazine interviews. Having in mind the kind of artistic and affective relationship between the two writers, regarding both their works and lives, this article aims to discuss Drummond's poems that are devoted to presenting and inspecting Pedro Nava's multiple image, given his status of memorialist and friend. It is intended to examine the treatment given by Drummond to Nava's work and the confessional expression depicted in the poems that are based on evident display of affection. To that end, poems written by Drummond to and about the friend will be analysed. Such analysis seeks to demonstrate Drummond's critical attitude towards Nava's work and the poetic labour portrayed in the poems, mainly those of critical, analytical, and confessional nature.

Keywords: Carlos Drummond de Andrade. Pedro Nava. Memory. Confession.

1. Introdução

Carlos Drummond de Andrade e Pedro Nava foram amigos declarados, havendo entre eles afinidade cultural e intelectual. Fizeram parte do mesmo grupo literário em Belo Horizonte, organizaram *A Revista*, publicação que divulgou o ideário do modernismo mineiro, compartilharam leituras, tornaram-se personagens mútuos. Esses dois autores, em entrevistas a jornais, revistas e televisão, confessam amizade, cumplicidade e afinidades literárias.¹

As *Memórias* de Pedro Nava são marcadas pela obra de Drummond. O memorialista transforma o poeta e sua poesia em personagens de todos os volumes de suas memórias por meio de introduções, epígrafes, citações, paráfrases, apropriação de ideias a respeito de poetas e da cultura nacional, leituras referidas e retratos selecionados. Às vezes, a referência a Drummond pode ser lida como construção parafrásica, como em: “Meu pai entra sorrindo e seus pés não fazem barulho na escada. Minha mãe chega em silêncio e tira duma jarra...”;² ou ainda em: “Vai Pedro! Toma tua carga nas costas e segue”.³ Em outras oportunidades, as citações são de versos, estrofes ou até poemas inteiros, como é o caso de “Agritortura”, ou “Parabéns”, presentes em *Galo-das-trevas*.⁴

De outro modo, Drummond também faz de Nava personagem de sua poesia, ou de suas crônicas. *Baú de ossos*, primeiro livro da série memorialística de Nava, é dedicado a Drummond e prefaciado por ele. O texto “Baú de surpresas”, que abre a edição da obra, apresenta detalhadamente o primeiro volume e antecipa a importância de Nava para a literatura e a cultura brasileiras. Além desse prefácio, podem-se elencar os seguintes textos nos quais Drummond se ocupa da obra memorialística ou do amigo Pedro Nava: o poema “Parabéns” presente em *Boitempo* e transcrito em *Galo-das-trevas*⁵; o poema “Pedro Nava a partir do nome”, presente no pórtico de *Balão cativo*⁶ e no livro *Discurso de*

¹ Sobre a relação literária de Nava com Drummond, cf. GUIMARÃES, 2002.

² NAVA, 1984, p. 44.

³ NAVA, 1986, p. 113.

⁴ NAVA, 1981, p. 302, 324.

⁵ NAVA, 1981.

⁶ NAVA, 1986.

*primavera e algumas sombras*⁷; “Pedro (múltiplo) Nava”, presente em *Viola de bolso III*, na edição de 2002, da obra *Prosa e poesia*. Drummond escreveu, ainda, a crônica “Nava, saudade” e o poema “A um ausente”, publicados pela imprensa no ano da morte do memorialista.

Procura-se, neste artigo, discutir os poemas de Drummond que se dedicam a apresentar e analisar a figura múltipla de Pedro Nava em sua condição de memorialista e amigo do poeta. Pretende-se analisar o tratamento dado por Drummond à obra de Nava e a expressão confessional verificada nos poemas que se pautam por uma evidente demonstração de afeto. Isso será feito por meio da apresentação de poemas que o escritor escreveu para e sobre o amigo. Busca-se demonstrar, na análise proposta, a dimensão afetiva do poeta em sua relação com o amigo e a atitude crítica e analítica frente à obra de Nava e o labor poético presente nos poemas, tanto nos de natureza crítica e analítica, quanto nos de natureza confessional.

2. Drummond e o escritor Pedro Nava

Poeta e crítico, Drummond volta-se para a obra de Nava não com o olhar condescendente do amigo, mas com a acuidade do leitor atento e o rigor do analista exigente. Em seu “Baú de surpresas”,⁸ Drummond destaca elementos essenciais para o estudo e compreensão da atitude criativa de Pedro Nava. O poeta salienta o fascínio que a escrita de Nava pode proporcionar aos leitores e anuncia o que sai do “Baú” de Nava:

Seus guardados nada têm de fúnebre. Do baú salta a multidão antiga de vivos, pois este médico tem o dom estético de, pela escrita, ressuscitar os mortos. E não só eles, mas também o espaço e o tempo em que suas vidas se situaram são restituídos por um criador poderoso, que se vale da memória como serve da arte. Pessoas, lugares, dias, fatos e objetos começam a delinear-se, a desvendar-nos sua fisionomia e correlação, sua profunda unidade cultural e humana, em torno de um menino que tem dimensão normal de menino, e não a de monstro incumbido de fazer menção de tudo.⁹

⁷ ANDRADE, 1988, p. 802-804.

⁸ ANDRADE *apud* NAVA, 1984, p. 7.

⁹ ANDRADE *apud* NAVA, 1984, p. 7.

Neste primeiro parágrafo da apresentação de *Baú de ossos*, Drummond salienta elementos fundamentais que serão cuidadosamente estudados pela crítica especializada na obra de Nava: a capacidade de recriar fisionomias, gestos, pessoas, lugares e tempos de modo a parecer ressuscitá-los e a fazer isso não com poucos, mas com uma galeria expressiva de personagens, a ponto de serem chamados pelo poeta de “multidão”. Além de registrar a capacidade de presentificar os mortos, Drummond salienta o modo como o memorialista constrói as dimensões temporais de suas *Memórias*:

Dois passados se justapõem e formam um tecido contínuo com o presente do narrador: o seu próprio passado de criança, e o de seus ascendentes, que vem desaguar no dele, impregnando-o de memórias de memórias, de pré ou pós-vivências concentradas num ser profundamente integrado no complexo familiar (Integração que não estorva o senso crítico de um analista ao mesmo tempo carinhoso e acerbo — acima de tudo perspicaz).¹⁰

O olhar agudo do amigo, leitor e crítico percebe e dá destaque à engenharia temporal proposta por Nava (dois passados se justapõem), a arqueologia familiar realizada por ele que, ao escavar a memória, encontra elementos de seus antepassados e os recria, e a sutura eficiente realizada por ele ao tecer suas lembranças.

Esses traços estilísticos de Nava trazem às *Memórias*, segundo Drummond, ao se referir ao primeiro volume, a capacidade de transformar sua “crônica individual” em “panorama social de várias regiões brasileiras” e de fazer de Minas um ponto de “entrelaçamento de famílias” cujas raízes se encontram em clãs do Nordeste. Drummond considera, ainda, que “é o Brasil de ontem, com sua estrutura doméstica e as decorrências públicas dessa formação, que vemos projetar-se nas páginas saborosas”¹¹. Drummond acentua, portanto, nesse trecho, a natureza individual e coletiva das memórias de Nava e sua capacidade de “mostrar os aspectos mais universais nas manifestações mais particulares” que serão objeto de estudo, por exemplo, de Antonio Candido (1987), em seu

¹⁰ ANDRADE *apud* NAVA, 1984, p. 7.

¹¹ ANDRADE *apud* NAVA, 1984, p. 7-8.

importante ensaio “Poesia e ficção na autobiografia”, publicado em *A educação pela noite e outros ensaios*.

Entre as surpresas percebidas por Drummond em *Baú de ossos* encontra-se o talento do memorialista para o desenho e sua relevância na composição da obra. Nesse sentido, o poeta lembra:

Pintor que se rotula de bissexto, e só o é porque não quis sê-lo contumaz (assim como também poeta de modulação afinadíssima, mas desinteressado de exercitá-la), Pedro Nava derivou para a forma verbal seu talento especial do retrato. Um retrato que parte da sutil captação do traço físico definidor, para a revelação psicológica. O artista plástico de singular sensibilidade afirma-se ainda na visualização, que nos comunica, de cena,¹² paisagem ou simples pertence de casa, marcado pela tradição.

Os processos de figuração utilizados por Nava são tão relevantes, que, em alguns momentos, sua obra se torna exatamente um álbum de retrato como se pode ver em *Beira-mar* (NAVA, 1985).

Nos parágrafos finais dessa apresentação, Drummond assume a condição de escritor da mesma geração de Nava e o apresenta com orgulho:

Minha geração, a que ele pertence, tem orgulho de oferecer às mais novas um livro com a beleza, a pungência e o encanto da obra excepcional que Pedro Nava realiza com este primeiro volume de memórias, digno de figurar entre o que de melhor produziu a memorialística em língua portuguesa.¹³

Por essa apresentação de *Baú de ossos*, Drummond antecipa elementos que se tornam objetos de estudos detalhados dos críticos que se dedicam à obra de Nava: a multidão que povoa a solidão do memorialista, sua capacidade de desdobrar o tempo da memória e efetivar processos de justaposição temporal, a destreza em buscar a riqueza cultural de um país, uma geração, uma cultura por meio de sua memória individual; a extraordinária capacidade de desenhar retratos pela palavra bem posta, o detalhe evidenciado; a construção do movimento dos personagens pela cadência da frase e o ritmo dos parágrafos. Nesse texto, pode-se notar, também, a admiração do poeta pelo memorialista, para quem não poupa

¹² ANDRADE *apud* NAVA, 1984, p. 8.

¹³ ANDRADE *apud* NAVA, 1984, p. 8-9.

elogios: salienta seu “dom estético”, considera-o “criador poderoso” e “perspicaz”, dono de uma “singular sensibilidade”, e, por fim, sente-se orgulhoso de pertencer à mesma geração que o amigo.

Em *Balão cativo*, segundo volume das *Memórias*, Drummond continua sua apreciação sobre a memorialística de Nava por meio do poema “Pedro Nava a partir do nome”, também publicado na coletânea *Discurso de primavera e outras sombras*, integrante de *Poesia e prosa*, de 1988.

Na elaboração do poema, Drummond se concentra nas diferentes acepções da palavra “nava”, que transita no poema como substantivo comum e próprio. Nesse percurso, o poeta faz uma pesquisa arqueológica dos usos dessa palavra, recupera e condensa em versos elementos históricos e estéticos ligados a ela.

Na primeira estrofe, predomina o sentido geográfico do termo, pois se atribui a nava seu sentido primeiro: planície cercada de montanhas, planície vasta e chã, o que incrusta o memorialista e seus ancestrais na toponímia de Minas Gerais. Ao mesmo tempo, o poeta evoca as batalhas ocorridas em diversas navas, como as de Oviedo e de Tolosa, inserindo, nos territórios próprios do Brasão dos Nava, as guerras de cruzada, a paisagem da Ponte de Nava e de Nava del Rey, o que remete o leitor à Itália e à Espanha, lugares ancestrais da família Nava.

NAVA
 campo-raso planície intermontana
 onde os Nava plantaram seu brasão
 Ponti di Nava
 Nava del Rey
 de chocolate e vinho incandescentes
 Navas de Oviedo
 manando água sulfúrea sob o olhar
 de romanos de pés dominadores
 Navas de Tolosa
 onde os reis de Navarra, de Castela e de Aragão
 dobraram para sempre
 a cerviz dos almóadas
 Navarino enseada helênica
 de que partem os bélicos navarcos
 em naves agressivas.¹⁴

¹⁴ ANDRADE, 1988, p. 803.

Drummond ressalta, assim, a Europa e suas guerras em paisagens ibéricas, romanas e helênicas, o que, de certo modo, repete, modificado e condensado, o que o memorialista realiza em dois capítulos de *Baú de ossos*: em “Setentrião”, primeiro capítulo, Nava refaz a genealogia paterna, destacando seus ancestrais italianos¹⁵, e em “Caminho Novo”, conta a genealogia da família materna, recriando seus antecedentes ibéricos¹⁶.

Na segunda estrofe, o poeta apresenta outras variantes da palavra nava, em seus significados e constituição sonora: Navarre, navajos, navarrete, navio. O poeta superpõe à história de Nava a dos estudantes do Colégio de Navarre (Richelieu e Bossuet), a destruição dos povos indígenas pelas guerras de colonização na América do Norte (navajos) e resume a genealogia de *Baú de ossos* nos oito versos finais desta estrofe, anunciando a viagem do clã do memorialista pelas navas de diferentes lugares, pelos mares, serras e cerrados até aportar em Juiz de Fora, dando à palavra nava o significado ligado a navio, nave e, implicitamente, navegar.

Navarre
colégio douto modelando
o menino Bossuet, o garoto Richelieu
navajos
confinando a glória antiga nas reservas
de papel passado e desprezado pelos brancos
e nos filmes ferozes de Hollywood
Navarrete
(Domingos Hernandez) obstinado
teólogo debatedor de ritos chineses
Nava
navio sulcando europas maranhões
cearás alencarinos
cruzando mares de serras e cerrados
até chegar à angra tranquila
de Juiz de Fora
onde a 5 de junho de 1903
desembarca o infante Pedro Nava.¹⁷

Na terceira estrofe, o poeta dá a nava novo sentido e, mais uma vez, de forma condensada, apresenta os recursos artísticos do escritor de Juiz de Fora: o verso,

¹⁵ NAVA, 1984, p.19-120.

¹⁶ NAVA, 1984, p.121-214.

¹⁷ ANDRADE, 1988, p. 803.

o desenho, a arqueologia da língua. O que antes estava implícito, a metáfora criar-navegar está explícita nesta estrofe. Para Drummond, Nava navega pelas diferentes origens de sua família, nas diferentes formas de expressão, nos diferentes mares da criação. O poeta cria, para a literatura de Nava, novas ações por meio de novos vocábulos: naviexpressa, navianimar, navioceanigráfico.

Nava
o novo sentido da palavra
agora poesia
de distintas maneiras naviexpressa
em verso múltiplo, eis salta o verbo
para navianimar membros rígidos inertes
da gente sofredora
e reacender-lhes o ritmo do gesto
no baile do viver.
Versa depois outro caminho e cria
na superfície nêvea as formas coloridas
do objeto pictórico
assim como quem não quer, mas tão sabido
que a arte o denuncia em toda parte,
e regressando ao porto de partida
navioceanigráfico navega
a descobrir tesouros submersos insuspeitados
no mais fundo da língua portuguesa.¹⁸

Na continuidade do poema, o poeta continua a apresentação das tendências poéticas do amigo memorialista e salienta sua ligação com a poesia e a prosa, seu mergulho nas águas da memória, e, tal como já o fizera no prefácio de *Baú de ossos*, destaca a natureza universal e cultural das memórias de Nava. Ressalta, ainda mais, o gesto de memória como o que tira das cinzas, o que faz renascer. O poeta lembra que o memorialista “recolhe e grava” o retrato do Brasil. No dístico final, sabe-se que o memorialista está entrando nos seus 70 anos, tempo da publicação de suas *Memórias*.

Nava navipoeta
naviprosista
que a névoa do tempo descerrando
exibe ao nosso pasmo
as navetas de prata da memória
onde as linhas de nuvem se condensam
os externos e internos movimentos

¹⁸ ANDRADE, 1988, p. 804.

do corpo brasileiro repartido
em clãs, em escrituras, em sussurros
de alcova, que, navissutil,
Nava recolhe e grava:
sensível retrato do Brasil
pulsando em navicinzza do passado.

Nava
fulgindo n'alva dos setent'anos.¹⁹

Os novos nomes atribuídos pelo poeta a Pedro Nava — naviexpressa, navianimar, navioceanigráfico, navipoeta, naviprosista, navicinzza, navissutil — resultam da aglutinação de palavras que consolidam os atributos de navio e nave presentes no desenvolvimento do poema. O modo como as palavras estão compostas parece indicar que a vogal de ligação /i/ contribui para oferecer a possibilidade de unir os sentidos dos elementos justapostos na composição da palavra, por trazer o sentido de adição. Com isso, a condição nave/navio, atribuída a Nava, potencializa a percepção do memorialista como navegante, sua escrita como nave, suas *Memórias* como um oceano a ser desbravado, e aglutina o nome do memorialista à sua capacidade criadora como poeta e prosador ao cunhar os novos nomes da poesia: navipoeta, naviprosista.

Em naviexpressa, Nava é expressão, é via de expressão²⁰ e nave de expressão. O nome do memorialista é, ainda, navianimar, expressão que resgata a capacidade de “ressuscitar os mortos”, já apontada no prefácio feito pelo poeta a *Baú de ossos*. Em navioceanigráfico, o poeta reúne nave/nava, oceano e gráfico. Em navicinzza, tanto pode-se pensar no que ressurgue das cinzas por resgatar os vestígios das memórias, o que ressurgue do passado, como também pode aludir ao tom predominantemente melancólico das memórias, um texto-cinza.

E, por fim, pode-se pensar em navissutil, que tanto caracteriza o procedimento do memorialista para encontrar suas memórias e registrá-las, como acentua a sutileza da procura, a delicadeza, o modo penetrante e agudo com que Nava mostra os mais diversos clãs e constrói a imagem do Brasil. E, ao informar

¹⁹ ANDRADE, 1988, p. 804.

²⁰ Agradeço ao professor Eduardo Guimarães a observação sobre a possibilidade de a palavra “naviexpressa” ser desmembrável em “na via expressa”, o que colaborou para a formulação aqui apresentada.

que o poema foi escrito por ocasião dos 70 anos do memorialista, Drummond aproxima Nava e n'alva, dando ao nome Nava o sentido de aurora, começo, lembrando e contrapondo o fato de que Nava publica sua obra em idade mais avançada.

Por esse poema, Drummond explicita, mais uma vez, elementos da poética de Nava ao apontar sua sutileza, sua capacidade de recriar o vivido, sua genealogia e a correspondente arqueologia, sua natureza múltipla. E mais, ao escolher a composição das palavras por justaposição, Drummond parece mimetizar uma forma própria do estilo de Nava: o acúmulo de elementos e a formação de palavras novas como o memorialista faz em “cervejâmica” e “Navícula”. O poeta se mostra leitor da obra do amigo e conhecedor de seus processos de criação. Isso também se evidencia com a insistência no trabalho de aliteração, a variedade de sentidos desenvolvidos no poema, a quantidade de elementos trazidos para a composição do nome Nava.

3. Drummond e o amigo Pedro Nava

Em “Parabéns”, “Pedro (o múltiplo) Nava” e “A um ausente”, Drummond figura mais como o amigo que como o escritor e, só tangencialmente, fala da obra do memorialista. Nesses três poemas, são tematizados os encontros e os desencontros fraternais. A quadra “Parabéns”, publicada em *Boitempo*, é simples e direta. Em redondilha maior, os dois primeiros versos informam um acontecimento, e os dois últimos parabenizam o poeta e a cidade. A repetição alternada de Pedro Nava e Juiz de Fora contribui para que o poeta e a cidade sejam aproximados. Nesta quadra, Drummond parece misturar elementos de forma culta, as que apresentam rimas alternadas (abab) ou opostas (abba), com a quadra popular que vale como um poema de forma fixa, constituída de redondilhas maiores e com a rima apenas no segundo e quarto versos.

Meu amigo Pedro Nava
regressou de Juiz de Fora.
Parabéns a Pedro Nava,
Parabéns a Juiz de Fora.²¹

²¹ ANDRADE, 1988, p. 728.

Como se vê, a quadra está composta em versos heptassílabos e rimas alternadas e se apresenta como um poema de forma fixa, comprovando a mistura entre as formas culta e popular das quadras.

Pedro Nava cita essa quadra em seu quinto volume das *Memórias*, conforme se disse na introdução deste artigo. Trata-se de uma epígrafe que marca o início da narrativa sobre a transferência de Egon, *alter ego* de Nava, de Santo Antônio do Desterro para Belo Horizonte.

Tão íntimo e direto quanto essa quadra de felicitações pela transferência para Belo Horizonte é o poema “Pedro (o múltiplo) Nava”. Soneto, em decassílabos e rimas alternadas, o poema é confessional. Drummond procura acentuar o respeito pelo médico:

Tantas vezes corri ao Dr. Nava
em demanda de alívio, e ele acudia.
De seu saber minh'alma fez-se escrava,
e o corpo, devedor com alegria.²²

A esse respeito, acrescenta-se a admiração pelo escritor e o reconhecimento do amigo como um artista múltiplo e surpreendente:

Do moço Nava a poética palavra
que em cadências modernas se expandia,
admirei, e no peito ainda se grava
um certo poema seu, que me arrepia.

Nava pintor e Nava desenhista
esquivo, agudo, exto, surpreendente,
quem nos seus traços não consola a vista?²³

No último terceto, a via expressa é a da amizade de Drummond por Nava, a simples e direta expressão de uma afeição fraternal: “Do nosso tempo fiel memorialista, esse querido Nava, simplesmente, é mistura de santo, sábio e artista”.²⁴

Nesses dois poemas, pode-se verificar a relação afetuosa entre os dois. São versos declaratórios, o amigo homenageado é apresentado como

²² ANDRADE *apud* VASCONCELOS; SANTOS, 2017, p. 221.

²³ ANDRADE *apud* VASCONCELOS; SANTOS, 2017, p. 221.

²⁴ ANDRADE *apud* VASCONCELOS; SANTOS, 2017, p. 221.

perfeito, demonstrando a sólida e duradoura amizade existente entre eles. Para esses poemas, as escolhas formais são claras, simples e clássicas, como a amizade que se quer representar.

A alegria com a presença do amigo se transforma em tristeza inconsolável com sua morte. A partir dela, Drummond publica uma crônica no *Jornal do Brasil*, em 15 de setembro de 1984, na qual lamenta a perda inesperada do amigo. Em “Nava, saudade”, o cronista afirma:

Perdi em Pedro Nava o companheiro de 1920 que continuou companheiro até 1984. Não há substituição possível. Nem superposição de imagens que compensem o perdido. O fato aconteceu. A relação completou-se. Por mais que eu fizesse não sentiria ao meu lado a presença amiga de Pedro Nava e tudo que ela significava para mim.²⁵

Esse depoimento público confirma a amizade devotada dos amigos, a relação intelectual e afetiva duradoura estabelecida entre eles desde 1920 e, de certo modo, justifica o tom mais duro, incompreendido, do poema a ele dedicado e publicado em *Farwell*:

A UM AUSENTE

Tenho razão de sentir saudade,
tenho razão de te acusar.
Houve um pacto implícito que rompestes
e sem te despedires foste embora.
Detonaste o pacto.
Detonaste a vida geral, a comum aquiescência
de viver e explorar os rumos de obscuridade
sem prazo sem consulta sem provocação
até o limite das folhas caídas na hora de cair.

Antecipaste a hora.
Teu ponteiro enlouqueceu,
enlouquecendo nossas horas.
Que poderias ter feito de mais grave
do que o ato sem continuação, o ato em si,
o ato que não ousamos nem sabemos ousar
porque depois dele não há nada?

Tenho razão para sentir saudade de ti,
de nossa convivência em falas camaradas,
simples apertar de mãos, nem isso, voz
modulando sílabas conhecidas e banais

²⁵ ANDRADE *apud* VASCONCELOS; SANTOS, 2017, p. 223.

que eram sempre certeza e segurança.

Sim, tenho saudades.
Sim, acuso-te porque fizeste
o não previsto nas leis da amizade e da natureza
nem nos deixaste sequer o direito de indagar
porque o fizeste, porque te foste.²⁶

Sofrido e perturbado pelo ato praticado, o eu lírico convoca a razão para justificar seu ponto de vista: Tenho razão de sentir saudade/tenho razão de te acusar. Procura não se deixar levar pela emoção. Disso resulta um poema cuja voz lírica se expressa de modo comedido e intenso, saudoso e indignado.

Em interlocução direta com o amigo, cujo nome não aparece citado no texto, a voz poética acusa aquele que “detonou” o pacto de amizade e, de certo modo, o condena por considerar o ato praticado, no caso, o suicídio, o que de mais grave pode haver. O poeta, diferentemente do que ocorria nos demais poemas e textos aqui citados, não menciona o nome do amigo, materializando a sua falta na ausência de seu nome nos versos do poema: Nava, nome cinza, navicinha.

4. Considerações finais

Os poemas e a crônica aqui referidos, retirados do baú poético do poeta de Itabira, ao serem reunidos, dão a noção da amizade de Drummond por Nava, da relação fraternal vivida por eles. Sobretudo, dão realce ao modo como Drummond, ao escrever sua leitura de Pedro Nava, assume, em determinadas situações, a poética do acúmulo, estilo do amigo, e salienta outros elementos estilísticos relevantes da poética de Pedro Nava: a lida com o tempo e a memória, a capacidade de recriação dos traços, a construção da genealogia, a universalidade das *Memórias*, o alcance cultural delas e o destaque para a multidão de mortos que são recriados por Pedro Nava, de maneira, por vezes, cinza, por vezes, sutil, mas sempre refinada. Deixam evidente, também, a diversidade das escolhas formais do poeta ao se referir ao amigo e à sua obra, a variedade de versos, metros, ritmos apresentados. Drummond não só explicita e

²⁶ ANDRADE, 1988, p. 118.

reverencia a figura múltipla de Pedro Nava como médico, poeta, memorialista, pintor e desenhista, mas também assume perspectiva crítica diante da obra de “cadências modernas”, aguda, exata e surpreendente do seu “querido” Nava.

Referências

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Poesia e prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1988.

CANDIDO, Antonio. *Educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo, Ática, 1987.

GUIMARÃES, Raquel Beatriz Junqueira. *Pedro Nava, Leitor de Drummond: a memória, os retratos, a leitura*. Campinas, Pontes, 2002.

NAVA, Pedro. *Balão cativo*. 4. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

NAVA, Pedro. *Baú de ossos*. 8. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

NAVA, Pedro. *Galo-das-trevas*. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1981.

VASCONCELOS, Eliane; SANTOS, Matildes Demetrio dos (Org.). *Descendo a rua da Bahia: a correspondência entre Pedro Nava e Carlos Drummond de Andrade*. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2017.

Currículo abreviado da autora

Raquel Beatriz Junqueira Guimarães é professora adjunta da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Mestre e Doutora em Estudos Literários pela Universidade Federal de Minas Gerais e atua na área de Literatura Brasileira. Dedicou-se aos estudos sobre o leitor e a leitura de textos literários. A partir das pesquisas realizadas nessa área publicou *Pedro Nava, leitor de Drummond*, em 2002, pela Editora Pontes, e *Rastros da leitura, trilhas da Escrita*, em 2012, pela RG Editores. Atualmente, realiza a pesquisa “O escritor e sua terra”, financiada pelo Fundo de Incentivo Pesquisa da PUC Minas, que tem como base principal material jornalístico-literário, em especial aquele presente na revista *Manchete*; coordena o grupo de pesquisas *Versiprosa*, no Programa de Pós-graduação em Letras, da PUC-Minas, que desenvolve estudos sobre a poesia brasileira contemporânea e o Centro de Estudos Luso-afro-brasileiros onde dirige uma série de trabalhos voltados para a divulgação da cultura de língua portuguesa, entre os quais os Seminários de Poesia de Língua portuguesa. Na Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia é professora de Literatura do Ciclo de formação Humanística. Seus artigos mais recentes são: “Poesia Dança e Música em Balés, de Bruna Beber”, publicado na *Revista Literatura e Cultura* (Rio de Janeiro), v. 9; “A leitura

e a paixão em Dias e Dias”, artigo publicado no livro *Identidade e Escrita: Ensaio sobre romances dos séculos XX e XXI*, organizado por Fábio Figueiredo, Angela Guida, Flávia Marquetti e Rebecca Monteiro, editado pela editoria Multifoco; “Literatura em revista: o caso Manchete”, presente nos Anais do IV Simpósio Internacional de Letras e Linguística, da Universidade Federal de Uberlândia.

Recebido em 20/11/2017.

Aprovado em 15/12/2017.